

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

KATLYN LIRES DRANSFELD MOREIRA

**O USO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS NAS AULAS DE SOCIOLOGIA: O VÍDEO
NAS AULAS DE UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO DE
APLICAÇÃO-UFSC**

Florianópolis, 2014

KATLYN LIRES DRANSFELD MOREIRA

**O USO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS NAS AULAS DE SOCIOLOGIA: O VÍDEO
NAS AULAS DE UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO DE
APLICAÇÃO-UFSC**

Trabalho de Conclusão de Licenciatura
como pré-requisito para a obtenção
do grau de Licenciado em Ciências
Sociais pela Universidade Federal de
Santa Catarina
Professor orientador: Dr. Jacques Mick

KATLYN LIRES DRANSFELD MOREIRA

**O USO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS NAS AULAS DE SOCIOLOGIA: O VÍDEO
NAS AULAS DE UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO DE
APLICAÇÃO-UFSC**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina e aprovado pela banca examinadora

Florianópolis, ____ de _____ de 2015

Prof. Dr.

Coordenador do Curso

Banca Examinadora

Prof. Dr. Jacques Mick

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Msc. Itamar Aguiar

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Yan de Souza Carreirão

Universidade Federal de Santa Catarina

Agradecimentos

Quero dizer que este trabalho não foi fruto apenas do meu esforço, e sim dos esforços de pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para ele, e aqui faço o reconhecimento dessas contribuições para a melhoria deste trabalho.

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Jacques Mick, pelas sugestões que me deu e pelas correções que fez . Agradeço também aos professores Márcia da Silva Mazon, Lígia Helena Hahn Lüchmann e Antônio Alberto Brunetta por também terem me dado sugestões, além dos colegas Paulo Vítor Ferreira da Silva e Rômulo Bassi Piconi.

Agradeço também à minha família, pelo apoio dado a mim, seja nos tempos do bacharelado, na licenciatura e também em outros tantos momentos da minha vida.

E para encerrar, agradeço à professora, por ter permitido ser entrevistada por mim e por ter cedido um tempo da aula para que os alunos respondessem o questionário, e aos alunos por tê-lo respondido. Contribuíram para uma parte fundamental do meu trabalho.

Sumário

Introdução.....	6
Cap.1: A educação e o uso de mídias	9
Cap.2: Análise dos resultados empíricos:	
2.1: Histórico do CA e seu projeto político-pedagógico;.....	15
2.2: O Projeto Político-Pedagógico e a filosofia educacional do CA;.....	15
2.3: Análise dos dados.....	19
Conclusão.....	24
Bibliografia.....	26
Anexos.....	29

Resumo

Este trabalho pretende abordar o uso didático do vídeo nas aulas de Sociologia no Ensino Médio, pesquisando uma turma de 2º ano do Colégio de Aplicação da UFSC. Especificamente, aborda a recepção dos vídeos pelos alunos e a apropriação deles pelos alunos e pela professora. Justifica-se este trabalho devido a presença cada vez maior da tecnologia na sociedade atual e na educação em particular.

Foram aplicados questionários aos alunos, e a professora foi entrevistada. Os questionários e a entrevista continham perguntas relacionadas à frequência do uso do vídeo, a aceitação do vídeo pelos alunos e o porquê de usar o vídeo.

Foi constatado que o vídeo tem boa aceitação dos alunos, e que eles se apropriam de maneira crítica, e que além de ajudar os alunos a entenderem o conteúdo ensinado, explicando ou ilustrando o conteúdo, a professora utiliza o vídeo como forma de avaliação da aprendizagem deles.

Palavras-chave: educação; mídia; sociologia no ensino médio; vídeos; recepção e apropriação

Abstract

This study addresses the educational use of video in the classes of Sociology in the High School, researching a class of 2nd year of Application School of UFSC. Specifically, it addresses the reception of videos by students and their appropriation by the students and the teacher. Justified this work due to the increasing presence of technology in today's society and education in particular.

Questionnaires were administered to students, and the teacher was interviewed. The questionnaires and the interview contained questions related to the frequency of use of video questions, the acceptance of video by students and why to use video.

It was found that the video is well accepted students, and they appropriated critically, and that in addition to helping students understand the content taught, explaining or illustrating the content, the teacher uses the video as a way of learning assessment them.

Keywords: education; media; sociology in high school; videos; reception and appropriation

Introdução

Este trabalho aborda o uso de recursos audiovisuais nas aulas de Sociologia no Ensino Médio, mais especificamente o uso de vídeos. Os problemas abordados são: a recepção ao vídeo e a apropriação dele pelos alunos e pelo professor. A importância deste trabalho se dá pela presença cada vez maior da tecnologia na sala de aula e na sociedade em geral, e que suscita reflexões importantes. Foram pesquisados os alunos que estavam no 2º ano A do Colégio de Aplicação em 2013 e a professora que deu aula para eles. Foi nessa turma que realizei o meu estágio obrigatório da Licenciatura em Ciências Sociais, onde notei a grande presença de recursos audiovisuais na sala de aula, como os vídeos e slides. A metodologia inclui o uso de questionários aplicados aos alunos presencialmente e entrevista com a professora. Os alunos iriam ser entrevistados também, mas não consegui o contato com eles e com o Colégio, e por isso acabei utilizando apenas as respostas do questionário aplicado aos alunos e a entrevista com a professora como dados da pesquisa.

Ainda que hoje em dia se use a palavra audiovisual, utilizo a palavra vídeo porque ela ainda é comumente utilizada, fazendo parte do imaginário de muitas pessoas.

O presente trabalho terá dois capítulos além da conclusão. O primeiro capítulo aborda o uso do vídeo em sala de aula através de pesquisas já feitas relacionadas ao assunto, iniciando com uma breve contextualização social e histórica da mídia; o segundo aborda o Colégio de Aplicação de um modo geral, com seu projeto político-pedagógico e filosofia educacional, bem como seu histórico e sua estrutura, e também os resultados da pesquisa com os alunos da turma 2º ano A e sua professora de Sociologia. E a conclusão junta os resultados da pesquisa e os interpreta à luz dos autores citados no primeiro capítulo. Ainda que hoje em dia se use mais a palavra “audiovisual” justifica-se aqui o uso da palavra “vídeo” porque ela ainda é comumente utilizada, fazendo parte do imaginário de muitas pessoas.

O presente trabalho terá dois capítulos além da conclusão. O primeiro capítulo aborda o uso do vídeo em sala de aula através de pesquisas já feitas relacionadas ao assunto, iniciando com uma breve contextualização social e histórica da mídia; o segundo aborda o Colégio de Aplicação de um modo geral, com seu projeto político-pedagógico e filosofia educacional, bem como seu histórico e sua estrutura, e também os resultados da pesquisa com os alunos da

turma 2º ano A e sua professora de Sociologia. E a conclusão junta os resultados da pesquisa e os interpreta à luz dos autores citados no primeiro capítulo.

Cap.1: A educação e o uso de mídias

Aqui é abordado o uso de mídias na educação, em especial na disciplina de Sociologia, dentro de um contexto em que a mídia está bastante presente na vida social e analiso alguns trabalhos relacionados a esse tema, que são pesquisas de campo ou reflexões sobre o uso de mídias, sendo o vídeo uma delas, além da visão das Orientações Curriculares Nacionais sobre seu uso.

Thompson (1995) afirma que existe um processo de “mediação” da cultura moderna, e que há meios que permitem certo grau de fixação e reprodução dos conteúdos, dependendo da natureza deles. Quando o autor quer dizer “mediação”, entende-se como a mediação das trocas simbólicas pelas instituições e meios de comunicação de massa, que está cada vez maior na sociedade moderna, tirando a restrição das interações face-a-face. E quanto aos meios e sua capacidade de fixação e reprodução, a fixação seria o armazenamento de informações, e a reprodução, a sua difusão. Ele cita o exemplo da mensagem escrita na pedra, que terá mais duração do que uma escrita em papel ou pergaminho, e que o passo decisivo para o aumento da reprodutibilidade dos conteúdos simbólicos foi dado através do surgimento da máquina de imprimir (THOMPSON, 1998).

Castells (2000) afirma que depois da Segunda Guerra Mundial, a televisão passou a crescer muito, e as outras mídias começaram a convergir para ela. Mostra que autores como W. Russell Newman atribuem o sucesso dela à pouca exigência de esforço para o espectador. Porém, ele não atribui isso à economia de tempo para buscar informações, como afirmaram autores como Downs e Simon, e sim ao cansaço das pessoas depois de um dia de trabalho.

Esse autor também afirma que mais tarde, houve a fragmentação dos meios de comunicação, e cita como exemplos o videocassete e o *walkman*. A partir dessas mudanças, um consumo mais individualizado da mídia surge. Nesse caso, ele afirma que não se pode falar em uma comunicação em massa. A internet também contribuiu com grandes mudanças na comunicação, caracterizando-se pela maior interatividade e flexibilidade, além de resistir a controles públicos e privados, mas também provoca alterações na sociabilidade, no sentido de gerar mais solidão, ainda que por um lado existam as comunidades virtuais. Com base nessas mudanças, o autor afirma que na realidade, a comunicação não ocorre em mão única.

Apesar de reconhecer a influência da mídia e que ela não é neutra, Castells também discorda da visão da mídia como a grande manipuladora, indo também contra a idéia de Adorno e Horkheimer acerca dela, de que as pessoas não resistiriam a manipulação dela.

Inclusive, ele considera estranho que essa visão parta de autores que defendem mudanças sociais.

Kellner (1995) afirma que a cultura da mídia ajuda a formar identidades e significados, contribuindo para que as pessoas construam sua visão de mundo. A cultura da mídia, para ele, é a cultura difundida pela mídia, através do rádio, TV, jornais, entre outros, e também através de músicas, filmes e outros produtos da indústria cultural.

Ele afirma que existem teorias de manipulação e dominação da mídia, muito populares na década de 1960 e parte da década de 1970, que afirmam que a mídia é uma força toda poderosa de controle social, que domina ideologicamente as pessoas. Mas posteriormente, outras teorias, em reação às anteriormente citadas, afirmam que as pessoas podem resistir à manipulação midiática, criando seus próprios significados com instrumentos de sua própria cultura.

A alfabetização crítica da mídia, para Kellner, ajudaria as pessoas a resistirem à manipulação midiática, tornando-as empoderadas em relação a ela, possibilitando o surgimento de outras formas de cultura.

As Orientações Curriculares Nacionais (OCN's) do MEC (Ministério da Educação) afirmam que trazer a televisão e o cinema para a sala de aula não significa apenas a busca por um novo recurso didático e tecnológico atual, mas também que eles devem ser submetidos a estranhamento e desnaturalização, estimulando os alunos a terem uma visão crítica dos meios de comunicação.

As Orientações Curriculares Nacionais afirmam também que os usos da televisão e do cinema têm uma dupla função: se chocarem com os métodos de ensino tradicionais, em que as aulas são predominantemente auditivas, e se chocarem com as “formas tradicionais da assistência” (BRASIL, 2009, p.129), fazendo com que os alunos saiam com um novo olhar sobre tais recursos.

Mais do que reforçar, legitimando o uso da TV, do DVD e do cinema como recursos didáticos, as Orientações Curriculares estimulam a reflexão sobre esses meios, abordando seus efeitos e defeitos. Afirmam, inclusive, que eles não são neutros, ao contrário do que se costuma dizer, porque os elementos que o formam, como os filmes, já determinam a sua recepção.

Belloni aponta a apropriação crítica e criativa dos recursos técnicos como um dos elementos do que a autora considera uma das finalidades da educação, que é “formar o

cidadão competente para a vida em sociedade” (1999, p. 5). Também afirma que os modos de acesso ao conhecimento do futuro são difíceis de imaginar, e que portanto o melhor caminho é entender como funciona a autodidaxia para adequar métodos de ensino, sem perder de vista as finalidades da educação, como a que foi citada acima. Ainda cita Jacques Perriault, para quem uma nova autodidaxia está surgindo entre os jovens há vários anos através das mídias, o que exige uma atualização da tecnologia educacional.

Champagnatte e Nunes (2011), em pesquisa feita com professores de três escolas municipais do Rio de Janeiro, constataram que os professores, de modo geral, acham importante o uso de mídias na educação, porque consideram esses recursos como próximos à realidade dos alunos, e também como uma nova linguagem didática. Porém, os professores os usam apenas para ilustrar o que está sendo ensinado ou como apoio em seu trabalho.

Para Santos (2013), alguns autores afirmam que o uso de filmes atende às necessidades surgidas com o rápido crescimento da população escolar e dos currículos, tornando-se necessárias novas metodologias e técnicas ao se abordar conceitos na sala de aula.

Santos cita Martins, entendendo que os filmes são “imaginários”, e essa idéia vale tanto para os filmes considerados “ficção”, como para os que são considerados “documentários”, pois se tratam de interpretações do mundo baseadas nos valores de seu criador, que aparecem no título do filme, nos efeitos especiais e na edição dele. O filme não é apenas individual, mas também é um resultado de experiências coletivas, vistas tanto na sua elaboração como na sua divulgação.

Os documentários, segundo citação de Oliveira Júnior feita por Santos, têm muito da subjetividade do autor, por mais objetivos que possam aparentar ser. Mas também permitem que o espectador faça a sua interpretação do filme, baseada em valores e conhecimentos adquiridos durante o seu processo de socialização. Ocorre também a contextualização das imagens do filme com vivências do dia-a-dia, para além da mera exposição da imagem, supondo-se que pessoas se limitam a acreditar no que veem.

A relação filme-educação, baseando-se no trabalho de Santos, seria de construção da realidade, orientada pelos valores de quem faz o filme e de quem assiste, valores esses adquiridos no processo de socialização dos envolvidos. Mas o autor aponta desafios para o uso de filmes, como a adequação do ambiente escolar para novas ferramentas educacionais. Em muitas escolas se observa a visão dos filmes como mero auxiliar e não como uma parte fundamental do programa de ensino; há pouco tempo para se refletir sobre o filme e associar com os conceitos sociológicos; há desorientação dos professores sobre os usos mais

adequados dos filmes; o acesso aos filmes desejados é limitado pelo gosto dos espectadores; e falta compatibilidade do tempo para a realização de atividades com uso de filmes. Santos conclui que os filmes devem ser usados para ampliar os conceitos sociológicos, verificando as versões e fatos mostrados e determinados por propostas planejadas de aulas (2013, p.10). Em relação ao tempo de exibição dos filmes, Engeroff, Pansera, Schaefer e Taborda (2015) afirmam que as aulas de Sociologia no Ensino Médio costumam ter uma ou duas horas/aula semanais, o que torna quase impossível a assistência dos filmes por completo.

Almeida, Bonifácio e Galetti (2013) afirmam que a relação entre mídia e educação é pouco pesquisada nas Ciências Sociais, mas há muito tempo se discute isso. Eles pesquisaram duas turmas de Ensino Médio, uma de primeiro ano e outra de terceiro em uma escola de Maringá (PR), mostraram que o uso de mídias auxilia no aprendizado e que é uma boa ferramenta para promover debates, sintetizar conteúdos de ensino e estimular a visão da realidade sob uma nova forma. Além disso, os autores consideram que as mídias prendem a atenção dos alunos, e que eles aprendem melhor os conteúdos quando se usam recursos midiáticos. Os assuntos mais polêmicos, quando retratados em filmes e programas de televisão, fazem com que as discussões sobre eles se tornem mais abertas e amplas, dando maior liberdade para concordar, discordar, questionar e comentar, inclusive auxiliando a aplicação dos conhecimentos de sociologia no cotidiano.

Ferreira, Costa e Silva (2013) defendem que haja uma integração maior entre os meios de comunicação e a experiência didática, seja como instrumento didático ou como objeto de estudo, levando em conta a linguagem, a forma de expressão, a criticidade e a reflexão. O papel da escola, segundo as autoras, seria de ensinar os alunos a se apropriarem da mídia de maneira crítica, ativa e reflexiva. E apontam como dificuldades as condições materiais e técnicas das escolas para se trabalhar com mídias, bem como a qualificação dos professores. As mídias, para as autoras, se perpetuam no meio escolar através da interação e trocas simbólicas, estimulando os alunos a compreenderem a política e a cidadania, e a se envolverem, pois elas se refletem nas notícias e mensagens dos meios de comunicação.

Lino (2010) afirma que não basta a escola estar informatizada: os alunos precisam aprender a usar as mídias a serviço da liberdade e da cidadania, e que a introdução delas exige mudanças pedagógicas, em que a interdisciplinaridade esteja presente e que se supere a ideia do professor como o único detentor do conhecimento e mostra como exemplo dessa última ideia a realização de oficinas em uma escola de Florianópolis que a autora pesquisou, em que alunos ensinavam professores a usarem as mídias. Também defende que os professores

precisam ser preparados para a utilização de mídias, bem como que as máquinas precisam de manutenção e as que estiverem obsoletas serem trocadas por novas.

Silva (2012) relata que os alunos considerados indisciplinados em uma escola onde ela já trabalhou se tornavam disciplinados quando faziam as atividades da oficina de cinema promovidas pela escola, pois se sentiam motivados. Afirma que, na arte, as pessoas colocam o seu lado “selvagem”, vendo-a como disciplinadora e ao mesmo tempo indisciplinada.

Baseada nos preceitos da mídia-educação, ela defende que o cinema seja apropriado de maneira crítica na escola e que os alunos aprendam a olhar os filmes de maneira diferente, não sendo apenas espectadores, mas refletindo acerca dele, além de produzirem seus próprios filmes.

Raupp, Tessari e Baldessar (2010) afirmam que apesar de a televisão poder manipular as pessoas, por outro lado ela pode auxiliar o desenvolvimento cognitivo e intelectual através de programas educativos. Os autores citam Greenfield (1988), que afirma que programas como *Vila Sésamo*, série infantil da década de 1970, podem ajudar a desenvolver alguns aspectos cognitivos, com seus recursos e conteúdos. E citam também Vilches (1996), que identificou, a respeito da memória e aprendizagem, que as crianças, ao assistirem à televisão, acreditaram que podiam superar-se.

Engerhoff, Pansera, Schaefer e Taborda (2015), analisaram a ferramenta “cinema” presente em cinco livros didáticos – “Introdução à Sociologia”, de Pérsio Santos de Oliveira, “Sociologia”, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, “Tempos modernos, tempos de Sociologia”, com a coordenação de Helena Bomeny e Bianca Freire-Medeiros, “Sociologia para jovens do século XXI”, de Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa e “Sociologia para o Ensino Médio”, de Nelson Dacio Tomazi -. As autoras perceberam que os livros didáticos analisados à exceção do livro didático da Secretaria de Educação do Paraná, parecem não conseguir aliar conteúdo e indicação de filmes, ainda que exista a preocupação de se referenciar filmes, indicando-os no final de cada unidade. Eles não são incorporados ao conteúdo estudado como se fossem exemplos dele.

Para as autoras, pode-se perceber que os documentários e os curta-metragens favorecem a aquisição de filmes para serem exibidos em sala de aula, porque possuem acesso virtual e gratuito, sendo então um acesso fácil, e exigiriam menos tempo. Também, para as autoras, esses filmes parecem detectar uma crítica ao que seria a realidade, favorecendo através da linguagem um debate fundamentado rapidamente. Já um longa-metragem exigiria mais tempo

e mais dedicação ao se fazer análises, demandando um conhecimento maior do professor acerca do material.

Engerroff, Pansera, Schaefer e Taborda notaram também a utilização de filmes brasileiros em todos os livros didáticos, podendo ser pela proximidade com a realidade do aluno ou pelo incentivo às produções nacionais. Porém, eles parecem menos indicados que os filmes estrangeiros.

O cinema, para as autoras pode ser um aliado no ensino de Ciências Sociais para superar clichês e estereótipos, e os livros didáticos parecem procurar isso. O uso dessa ferramenta pode ser usado pelos professores com abrangência, seguindo as sugestões dos livros didáticos, levando em conta a reflexão sobre o que se quer e o que se espera do ensino de Sociologia.

Cap. 2: Análise dos resultados empíricos

Neste capítulo são expostos os resultados da pesquisa com os alunos e a professora, mas antes será mostrado o contexto do Colégio de Aplicação, desde a fundação até seu projeto pedagógico, passando pela situação dos recursos audiovisuais, bem como o uso do vídeo nas aulas de Sociologia.

No Colégio de Aplicação, eu realizei o estágio obrigatório da Licenciatura em Ciências Sociais, com Everson Cândido. No currículo, ele é chamado de Estágio Supervisionado em Ciências Sociais, e ele é dividido em I e II. No primeiro semestre de 2013, fizemos o I, que é de observação, e no segundo semestre, fizemos o II, que tínhamos que dar aulas à turma, sendo observados pela professora de Sociologia, que supervisionava o estágio no colégio. E algumas vezes, a orientadora do estágio e professora da disciplina de Estágio Supervisionado ia nos observar. Como dito inicialmente, foi com uma turma do segundo ano do Ensino Médio, a 2º ano A.

2.1. Histórico do CA e seu projeto político pedagógico:

Segundo seu site, o Colégio de Aplicação foi criado em 1961, com o nome de Ginásio de Aplicação e com a finalidade de servir de campo de estágio para a prática docente dos estudantes matriculados nos cursos de Didática (geral e específica) da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF). Naquele tempo, o funcionamento das faculdades de filosofia federais era regulamentado pelo decreto-lei nº 9.053, de 12/03/1946, que determinava que elas tivessem um ginásio de aplicação voltado à prática docente de seus alunos.

O requerimento do curso ginásial foi feito em 31/07/1959, por Henrique da Silva Fontes, o então diretor da FCF, e foi concedida a autorização para o seu funcionamento em 15 de março de 1961. Mas foi apenas em 17 de julho daquele ano que foi autorizado o funcionamento condicional do curso ginásial, através do Ofício nº 673 da diretoria de Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura. Assim, o Ginásio de Aplicação foi incorporado ao sistema federal de ensino.

No início, tinha apenas o primeiro ano do ginásio, mas a cada ano uma nova série era adicionada, até completar as quatro séries do ginásio. O número de turmas por série seguiu inalterado até 1967, quando foram criadas três turmas para o primeiro ano do ginásio. Em

1968, foram formadas duas turmas de 1ª e 2ª série do ginásio e em 1970 havia duas turmas por série, por implantação progressiva.

Em 1970, o Ginásio de Aplicação passou a se chamar Colégio de Aplicação, passando a ter a primeira série do segundo ciclo, com os cursos Clássico e Científico. As outras séries do Ensino Médio foram implantadas gradualmente.

No ano de 1980, foi acrescentado o Ensino Fundamental com a implementação de oito turmas, duas (turnos da manhã e da tarde) para cada uma das quatro séries iniciais.

Os alunos do Colégio de Aplicação, até então, eram filhos de professores e de servidores técnico-administrativos da UFSC, mas em 1992, com a Resolução nº 13 do CEPE, as vagas passaram a serem abertas para a comunidade externa, através de sorteio, e determinou-se a implantação de três turmas por série, cada uma com 25 alunos.

O Colégio de Aplicação é uma escola experimental, onde são feitos projetos pedagógicos e os estágios supervisionados das licenciaturas e dos cursos de Educação, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 20 de dezembro de 1996, e segue a política educacional da UFSC, baseada na trilogia ensino, pesquisa e extensão.

2.2. O Projeto Político-Pedagógico e a filosofia educacional do CA:

O Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação está em processo de implantação. Ele foi concebido a partir de uma proposta de gestão participativa.

O colégio conta com recursos audiovisuais, o data-show e o computador. O data-show, inclusive, está presente no auditório principal e nos miniauditórios. Tem, ou pelo menos tinha, o UCA (Um Computador por Aluno) que seria um notebook distribuído aos alunos. No momento do estágio obrigatório, meu companheiro de estágio e eu nunca presenciamos o seu uso. Porém, existem dificuldades quanto à manutenção, tanto que, uma vez, a turma onde foi realizado o estágio teve que se transferir para outra sala para assistir um vídeo, porque o som da sala onde a turma estuda estava com problemas. E a internet de lá era difícil de acessar.

Segundo Silva e Correia (2012), a filosofia educacional que norteia a prática pedagógica do Colégio de Aplicação está baseada na prática social concreta, cujo fundamento é o contexto histórico e social de alunos e professores. Os fundamentos metodológicos da educação nessa escola se baseiam nas idéias de Edgar Morin, mais especificamente nos sete saberes necessários para a educação que o autor propôs. São eles (SILVA e CORREIA, 2012):

- O conhecimento está sempre ameaçado pelo erro e pela ilusão;
- A educação deve discutir os processos que resultam no acesso às informações sobre o mundo e como organizá-las, articulá-las, organizá-las e perceber os contextos locais, regionais e mundiais e a relação do todo com as partes;
- O ser humano é ao mesmo tempo cultural, social, biológico, físico, político, psíquico e histórico;
- A educação deve ser capaz de formar cidadãos preparados para lidar com a imprevisibilidade do futuro;
- Ensinar a compreensão entre as pessoas como garantia e condição para a solidariedade moral e intelectual da humanidade;
- A educação deve explicar as relações entre indivíduo, sociedade e espécie.

E o sétimo aspecto seria a abordagem da ética do gênero humano, caracterizada, pelo respeito à diversidade, ao mesmo tempo que se reconhece a existência de uma unidade dentro dela, o reconhecimento da incerteza do futuro, da tríade indivíduo-sociedade-espécie e o desenvolvimento das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana, entre outras (MORIN, 2000, pp. 105 e 106).

Ainda segundo Silva e Correia, com base em Piana (2012), o currículo está pautado em uma visão crítica, onde os professores discutem o conhecimento escolar, além de analisar o processo de apropriação dos saberes e discutindo os mecanismos de produção deles. Analisa, acima de tudo, as implicações do processo de organização do conhecimento escolar, exigindo clareza e domínio de cada área, reflexão constante acerca dos desafios da prática atual, como as questões sobre saúde, meio ambiente, desigualdade social, avanços da ciência e tecnologia, direitos humanos, entre outros.

O livro didático de Sociologia adotado pelo Colégio de Aplicação é o *Tempos Modernos, tempos de sociologia*, de Helena Bomeny e Bianca Freire-Medeiros, que coordenaram o livro, além da colaboração de Raquel Balmant Emerique e Julia O'Donnell. É um livro que estimula o uso dos vídeos, pois no final de cada capítulo são sugeridos filmes para serem exibidos aos alunos. Um detalhe que chama atenção é que em meio à explicação das idéias dos autores abordados, é feito um paralelo com cenas do filme *Tempos Modernos*, cujo protagonista foi interpretado por Charles Chaplin. A justificativa das autoras para essa abordagem é que o cinema é uma arte urbana, já que

um dos temas abordados no livro é a cidade, e ela é um tema privilegiado no cinema, acompanhando as suas transformações e seu desenvolvimento. Outra justificativa é que as autoras pretendem estimular o pensamento crítico dos alunos e a percepção de que os filmes não são “retratos da realidade”, e sim “produtos de uma intenção criativa pautada por valores e constrangimentos sociais” (BOMENY e MEDEIROS, p.9). O cinema, segundo as autoras, expressa a “imaginação sociológica”, termo cunhado por C. Wright Mills, de diretores e roteiristas. Pretendem mostrar que se pode “pensar sociologicamente” tendo como objetos situações mais comuns ou mais inusitadas, mostradas no cinema, mas também na escola, no país e em outros aspectos da vida.

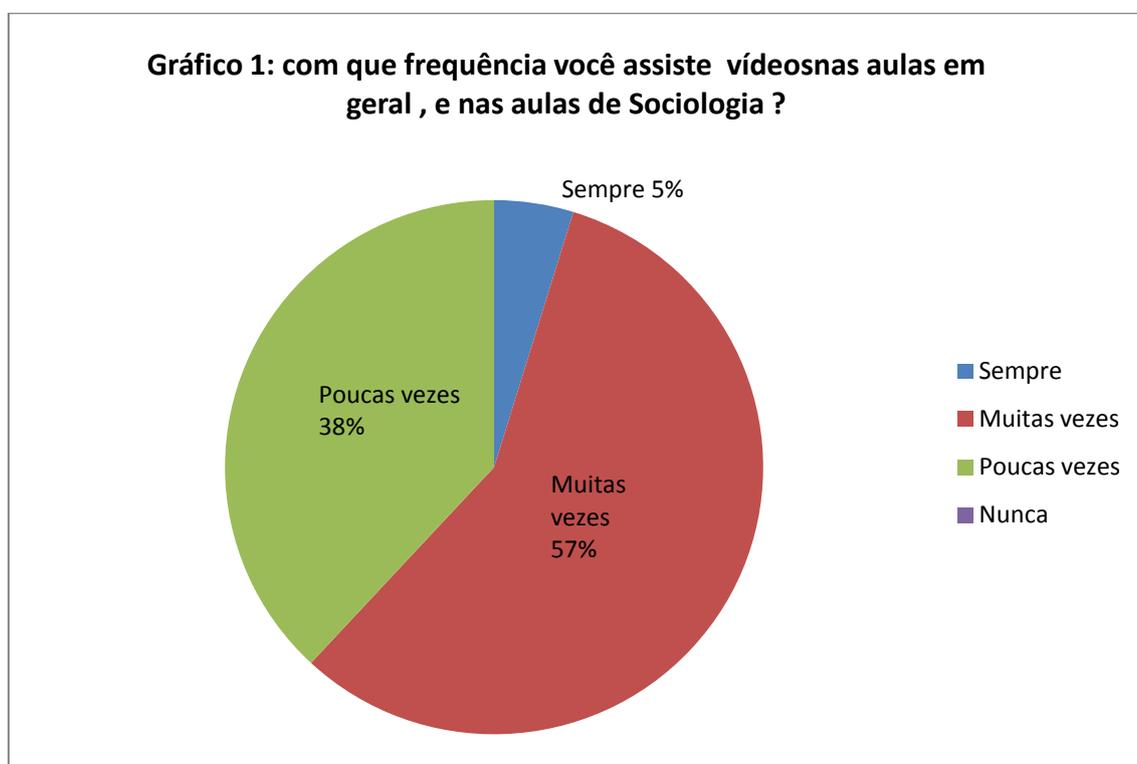
No ano letivo de 2013, a professora da turma pesquisada dava aula no segundo ano do Ensino Médio, e a ementa da disciplina tem conteúdos de antropologia, ainda que relacionados com a sociologia, divididas em três unidades: Antropologia, Relativismo Cultural, Etnocentrismo, Raça e Etnia e Cultura, Indústria Cultural e os Meios de Comunicação e Identidade e Multiculturalismo.

Ao longo do estágio realizado, vários vídeos foram exibidos, com temas relacionados às aulas. Quando eu e Everson estávamos no primeiro estágio, foi passado um vídeo sobre criança e consumo, que era um documentário, chamado *Criança: a alma do negócio*, que abordava a propaganda de produtos dirigida a crianças. E no segundo estágio foi passado pelo meu colega um curta-metragem sobre a vida nas cidade do Rio de Janeiro, chamado *Rio metrópole*, quando Simmel estava sendo estudado. E quando os alunos estudaram Pierre Bourdieu, foi passado o filme *Pro dia nascer feliz*, onde participaram jovens de escolas públicas e particulares de algumas partes do Brasil. Inclusive, como atividade de final de trimestre (o ano letivo é dividido em trimestres no Colégio de Aplicação), foram formadas equipes de alunos para realizarem um mini-documentário sobre a aceleração da vida nas cidades, já que o capítulo 5 da apostila *Tempos Modernos* abordava a obra de Georg Simmel, que estudou essa temática.

Quando os alunos se encontraram no sábado letivo para entregarem os filmes, relataram a sua experiência de fazê-los à professora. Alguns disseram que não conseguiram fazer algumas coisas que estavam no roteiro, e a professora disse que não havia problema, e que teriam que colocar esses imprevistos na parte escrita do trabalho. Uma aluna relatou que com a experiência de fazer o documentário, passou a ver a cidade com outros olhos.

2.3: Análise dos dados:

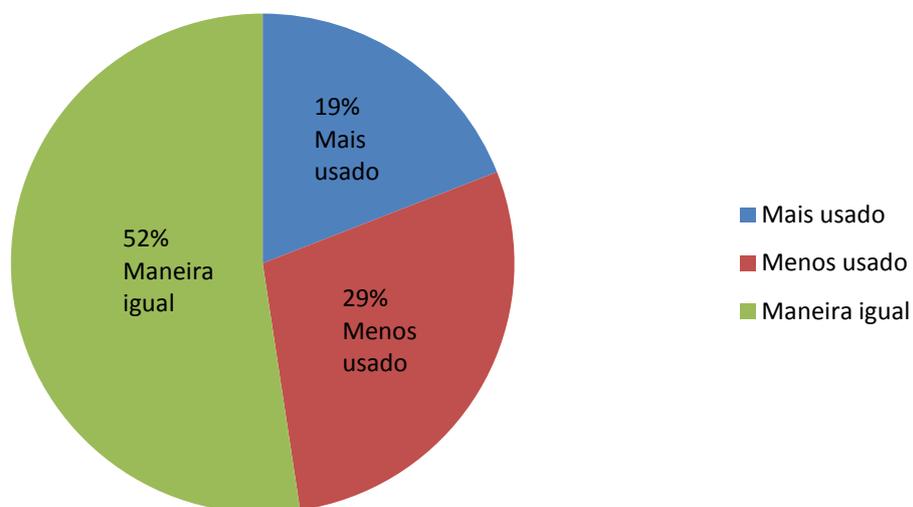
O questionário sobre o uso de vídeos nas aulas de Sociologia foi aplicado a 21 alunos do 2º ano A em novembro de 2013. O Gráfico 1, sobre a frequência que os alunos assistem vídeos nas aulas em geral e nas aulas de Sociologia, mostra que maior parte deles (57%), avaliou que o vídeo é assistido muitas vezes nas aulas de sociologia, e 38% avaliou que o vídeo é assistido poucas vezes. Os outros consideraram que os vídeos sempre são assistidos, com 5%. Segue o gráfico abaixo:



Fonte: Pesquisa” O uso de recursos audiovisuais nas aulas de sociologia: o vídeo nas aulas de sociologia em uma turma do Colégio de Aplicação da UFSC”. Elaboração da autora.

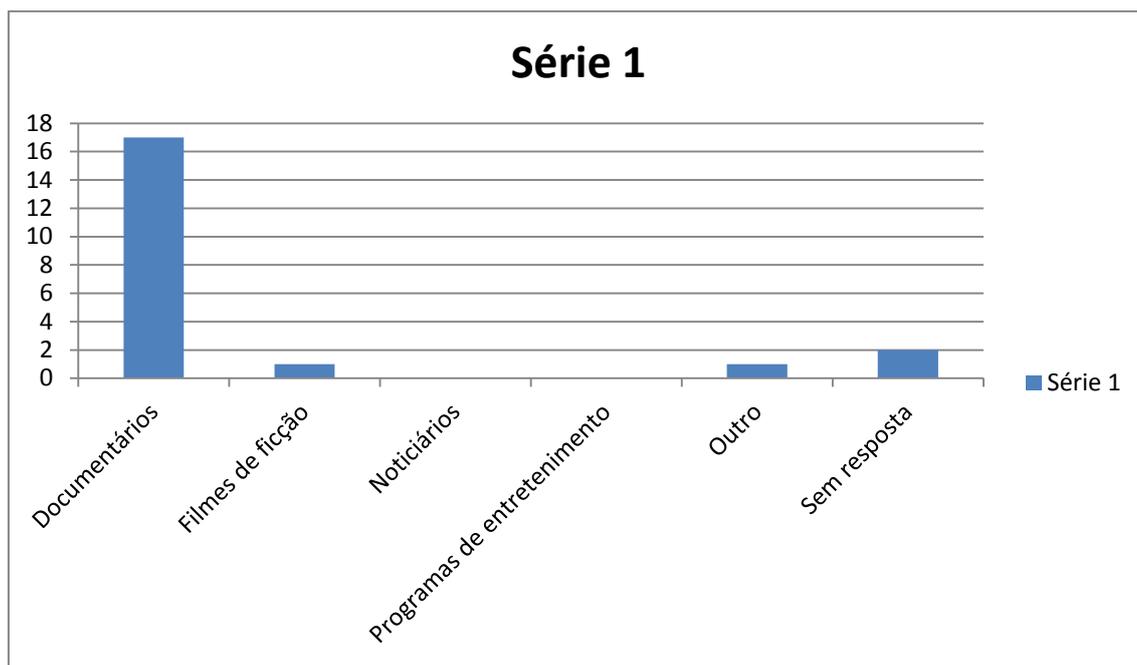
O Gráfico 2, sobre o menor ou maior uso do vídeo nas aulas de Sociologia em comparação à outras disciplinas, mostra que 52% consideraram que o vídeo é utilizado de maneira igual em todas as disciplinas, enquanto que 29% avaliaram que é menos utilizado nas aulas de sociologia que nas outras disciplinas e 19% avaliaram que o vídeo é mais usado na sociologia que em outras disciplinas. Segue o gráfico abaixo:

Gráfico 2: Na disciplina de Sociologia, o vídeo é mais ou menos usado do que em outras disciplinas?



Fonte: Pesquisa” O uso de recursos audiovisuais nas aulas de sociologia: o vídeo nas aulas de sociologia em uma turma do Colégio de Aplicação da UFSC”. Elaboração da autora.

No Gráfico 3, com a pergunta sobre os tipos de vídeo mais exibido nas aulas de Sociologia, mostra que de 21 alunos, 17 responderam que os documentários são os mais utilizados. Um aluno respondeu que os filmes de ficção, assim como os documentários, são os mais utilizados, um respondeu “outros” e dois não responderam. Segue o gráfico abaixo:



Fonte: Pesquisa” O uso de recursos audiovisuais nas aulas de sociologia: o vídeo nas aulas de sociologia em uma turma do Colégio de Aplicação da UFSC”. Elaboração da autora.

Vários alunos responderam no questionário que o vídeo auxilia na aprendizagem deles, seja porque, segundo eles, tornam as aulas mais dinâmicas, ajudam a compreender melhor o conteúdo ou prendem a atenção. Um aluno respondeu que o vídeo não ajuda tanto na aprendizagem, a não ser que ele seja um documentário. E uma aluna respondeu que às vezes o vídeo não ajuda muito, porque confunde, mas na maioria das vezes ajuda. Outra aluna diz que se o vídeo tiver relação com a matéria, ele ajuda. De um modo geral, os alunos consideraram que o vídeo ajuda no aprendizado, pelos motivos citados acima, e, como uma aluna disse, como uma forma diferenciada de aprender .

Na questão que pede que os alunos exemplifiquem um bom ou mau uso do vídeo em sala de aula, um respondeu que um exemplo positivo são os “documentários honestos” e um negativo são os “vídeos populares” e os do tipo “rei do camarote¹”. Outros responderam que em aula não havia nenhum mau uso, pois os vídeos tinham a ver com a matéria. Um dos alunos disse que é bom usar vídeos em trabalhos e não é bom usar em explicações. Uma aluna respondeu que para explicar sobre o conceito de metrópole acelerada, o vídeo serviu muito bem. Outra aluna disse que documentários

¹ Vídeo publicado no site Youtube em 2013 que mostra um homem dando dicas de como ter status em um camarote VIP de casas noturnas, e que ainda afirma que já gastou mais de 50.000 reais em festas.

são chatos, e que se deve passar filmes mesmo. E outros alunos disseram que não se recordam de bons ou maus usos do vídeo.

Em entrevista sobre o uso de vídeos, a professora respondeu que os vídeos que ela usa são pequenos documentários ou filmes, mas que já usou filmes de ficção. Os vídeos, para ela, ajudam os alunos a fazerem links com o conteúdo ensinado e a assistirem aos filmes com outros olhos.

Ela utiliza o vídeo só em alguns tópicos do programa da disciplina, e o critério que ela tem para o uso do vídeo é a relação com o conteúdo que está sendo trabalhado. Quando um filme retrata muito bem um determinado conteúdo, a professora usa.

Para a professora, o vídeo tem duas funções: uma explicativa ou ilustrativa do conteúdo, e outra, para proporcionar uma nova forma de avaliação. Isto significa que às vezes, ela usa o vídeo para problematizar um conteúdo, e na segunda situação, como um instrumento de análise da matéria, onde os alunos fazem uma atividade avaliativa do vídeo, a partir da teoria estudada.

A professora deu dois exemplos do uso do vídeo em sala de aula: um foi um vídeo de 6 minutos sobre o conceito de capital cultural de Bourdieu, que ajudou muito os alunos a compreenderem o conteúdo, e o outro foi o filme *Os deuses devem estar loucos*, para problematizar a questão da cultura, do etnocentrismo, do choque cultural, etc.

Em relação ao retorno dos alunos ao vídeo e o domínio que eles têm da linguagem audiovisual, a professora respondeu que eles demonstram domínio dela, adoram a atividade e sempre perguntam se não tem algum vídeo que ajude a entender um conceito. E quando foi perguntado se os alunos são críticos ou acríticos em relação aos vídeos, ela respondeu que os alunos são bem críticos e que muitas análises que eles fazem dos vídeos são excelentes.

Em relação à espécie de vídeo que mais contribui para as aulas de sociologia, a professora respondeu que depende do objetivo com que se passa o vídeo. O ideal, para ela, é que existissem vídeos específicos, perfeitos, para as aulas de sociologia e em geral, mas isso nem sempre existe. Em alguns momentos o documentário é melhor, e em outros, um filme de ficção pode ser perfeito, se o conteúdo da matéria estiver alinhado com ele.

Pode-se notar, nessa entrevista, que a professora não utiliza o vídeo apenas como um reforço do conteúdo ensinado, mas também como uma forma de avaliação do

aprendizado dos alunos, solicitando que eles façam uma atividade avaliativa em forma de filme.

A professora percebe um retorno positivo dos alunos, seja através do melhor entendimento dos conteúdos ou pelo fato de eles gostarem muito da atividade e pedirem vídeos sobre um determinado tema. E quando ela disse que o vídeo ajuda os alunos a verem os filmes com outros olhos, percebe-se que esse princípio da mídia-educação, exposto por Silva (2012), de certa forma está presente, assim como no relato de uma aluna da turma sobre a elaboração do mini-documentário sobre a vida nas cidades. Outro objetivo, o da apropriação crítica das mídias pelos alunos, citado por Ferreira, Costa e Silva, também é percebida na fala da professora, quando ela diz que os alunos são bem críticos em relação aos vídeos e fazem excelentes análises.

Ainda que maior parte dos alunos, segundo a pesquisa, acredite que o vídeo ajude no aprendizado, e a professora perceba um retorno positivo dos alunos, essa visão positiva é limitada, que se percebe em respostas como a do aluno que disse que os vídeos são bons em trabalhos, mas não em explicações, ou em relação a um gênero específico, o documentário, que uma aluna respondeu que o considera “chato”.

Conclusão

Os resultados da pesquisa, tanto a quantitativa, feita com os alunos através de questionário distribuído à turma, quanto à entrevista com a professora, serão reunidos aqui, como a conclusão desse trabalho.

Pelas respostas dos alunos ao questionário, percebe-se que a maioria avaliou que o vídeo é utilizado de maneira igual nas aulas de Sociologia e nas outras aulas, e que o vídeo é muito bem aceito pelos alunos, no sentido de ajudá-los no aprendizado principalmente. O documentário é o tipo de vídeo mais utilizado, segundo os alunos pesquisados. Esse resultado se aproxima ao da pesquisa de Almeida, Bonifácio e Galetti (2013) e do que defende Santos (2013), que afirma que os vídeos devem ajudar os alunos a se apropriarem dos conceitos sociológicos. Porém, não são todos que possuem uma visão tão positiva, considerando os vídeos como sendo bons em algumas circunstâncias ou demonstrando desagrado por algum tipo de filme, no caso os documentários.

Quanto aos bons ou maus usos do vídeo, como dito anteriormente, alguns alunos perceberam apenas bons usos do vídeo, porque eles tinham a ver com a matéria, e outros não se recordaram de bons ou maus usos do vídeo. E uma aluna respondeu que considerava os documentários chatos e que preferia filmes. Outro aluno respondeu que um exemplo de bom uso do vídeo em sala de aula são os “documentários honestos” e que exemplos de mau uso são “os vídeos populares” e vídeos do tipo “rei do camarote”.

A professora, pelo que respondeu na entrevista, percebeu um retorno positivo dos alunos à utilização dos vídeos, o que pode ser percebido nas respostas de muitos deles ao questionário. E que ao utilizar os vídeos, ela vai um pouco além da explicação ou ilustração do conteúdo, quando ela pede aos alunos para fazerem um vídeo relacionado ao conteúdo ensinado em sala de aula. Esse caso é diferente da conclusão da pesquisa de Champagnatte e Nunes (2011) e do que percebeu Santos (2013). E como dito anteriormente, ela segue um princípio defendido na mídia-educação, que é estimular os alunos a verem os vídeos com outro olhar, o que pelo menos em uma aluna fez efeito, em relato à professora sobre a experiência de fazer o mini-documentário sobre a cidade, semelhante ao defendido por Belloni (1999), Ferreira, Costa e Silva (2013), Silva (2012) e pelas Orientações Curriculares Nacionais. A apropriação crítica dos vídeos pelos alunos também aparece na fala da professora, que elogiou as análises dos alunos, como um cumprimento desse outro princípio da mídia-educação.

Em relação às condições físicas para a exibição dos vídeos, o Colégio de Aplicação até possui equipamentos e espaços para isso, mas há a necessidade de manutenção, como foi dito no Capítulo 2. Ferreira, Costa e Silva (2013) afirma que muitas escolas têm dificuldades materiais em relação à exibição dos vídeos, e Lino (2010), nas escolas que pesquisou, defendeu a necessidade de manutenção dos equipamentos e substituição dos obsoletos. Sendo assim, o Colégio de Aplicação possui equipamentos e espaços, mas que se precisa fazer a manutenção dos equipamentos.

O uso do vídeo, feito de maneira criteriosa, pode ser um aliado para o aprendizado de Sociologia por parte do aluno, sem deixar de lado outras ferramentas, como o livro didático. E em face das poucas horas-aula de Sociologia, curta-metragens e mini-documentários podem ser boas opções, dando tempo para se fazer debates e outras atividades relacionadas com os filmes.

Agora, resta a afirmar a necessidade de mais estudos sobre o uso de mídias na educação em geral, e o de vídeos em particular, para que continue o debate e a reflexão sobre esses temas, na busca pelo aprimoramento do ensino e do uso dessas ferramentas.

Bibliografia

ALMEIDA, Eduardo Oliveira de, BONIFÁCIO, Laís Vitória Moreira e GALETTI, Camila Carolina. **Cinema e educação: o uso das mídias nas aulas de Sociologia**. Trabalho apresentado no III Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica, em Fortaleza-CE, p. 10 e 11.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação?* Campinas,-SP, Ed, Autores Associados, 2005 (Coleção Polêmicas de Nosso Tempo), pp. 5 a 19.

BOMENY, Helena e FREIRE-MEDEIROS, Bianca (coords.). *Tempos modernos, tempos de sociologia*. São Paulo, Editora do Brasil e Fundação Getúlio Vargas, 2010, p. 9, 1ª edição.

CASTELLS, Manuel. **Cap.5: A cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento das redes interativas** In *A Sociedade em Rede*. 2000, p. 413 a 428.

CHAMPAGNATTE, Dostoiowski Mariatt de Oliveira e NUNES, Lina Cardoso. **A inserção das mídias audiovisuais no contexto escolar**. *Educação em Revista*, dezembro de 2011, vol.27, n.3, p. 15-38.

CORRÊA, Mariana Knierim e SILVA, Elaine Lima da. **Relatório referente à disciplina de Estágio Supervisionado em Ciências Sociais II**. Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina – Licenciatura, Florianópolis, 2013.

ENGERROFF, Ana Martina, PANSERA, Giovana Cristina, SCHAEFER, Márcia Inês e TABORDA, Luana do Rócio. **Estudo da ferramenta “cinema” presente nos livros didáticos de Sociologia**. Artigo aprovado para publicação na revista *Mosaico Social* em 2015. (no prelo).

FERREIRA, Daniella da Silva, COSTA, Deizeane dos Santos e SILVA, Altair Jacinta. **Mídia como recurso para a compreensão da vida social**. Trabalho apresentado no III Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica, em Fortaleza-CE, p. 11.

KELLNER, Douglas. *Media Culture: cultural studies, identity and politics between modern and post-modern*. New York, Routledge, 1995, pp. 1 a 8.

LINO, Fernanda da Silva. Cap.4: “Para além da sala informatizada”, In *Para além da sala informatizada: a prática pedagógica com as mídias na sala de aula*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, programa de Pós-Graduação em Educação, 2010, p. 119 a 125.

MORIN, Edgar. “A ética do gênero humano” In **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**”. 2ª ed. São Paulo-SP: Ed. Cortez/Brasília-DF: UNESCO. pp.105 a 113.

RAUPP, Fabrício Antônio; TESSARI, Ana Carolina S. Del Manuzzi; BALDESSAR, Maria José. **A influência da televisão na educação**. Florianópolis, Revista de Ciências Humanas, vol. 44, n.2, p.313 a 329, out. 2010.

SANTOS, Iuri Messias Rodrigues Soares. **Filmes na conexão da realidade social e no uso didático do ensino da Sociologia**. Trabalho apresentado no III Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica, em Fortaleza-CE, p. 2 a 10.

SILVA, Alessandra Colaço da. *Arte, mídia e cinema na escola: um ensinar que (me) ensina*. Florianópolis, 2012, 214 p. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

SANTOS, Iuri Messias Rodrigues Soares. **Filmes na conexão da realidade social e no uso didático do ensino da Sociologia**. Trabalho apresentado no III Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica, em Fortaleza-CE, p. 2 a 10.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, Vozes, 1995.

THOMPSON, John. **A mídia e modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998.p. 413 a 428.

www.ca.ufsc.br

Anexos

Seguem aqui o questionário aplicado aos alunos e as perguntas utilizadas na entrevista com a professora, incluindo o termo de consentimento:

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia e Ciência Política

Questionário sobre o uso de vídeos nas aulas de Sociologia

Olá, eu sou Katlyn Lires Dransfeld Moreira, sou graduanda da UFSC, do curso de Ciências Sociais – Licenciatura. Peço a sua permissão para que eu aplique este questionário a você, que irá ser usado no meu Trabalho de Conclusão de Licenciatura (TCL).

Preencha as linhas abaixo, para que mais tarde, eu selecione alguns alunos para uma entrevista. Porém, no TCL, o seu anonimato estará garantido.

Nome: _____ Turma: _____ Série: _____
e-mail: _____ Telefone: _____

1) Com que frequência você assiste vídeos nas aulas em geral, e nas aulas de Sociologia?

- Sempre
- Muitas vezes
- Poucas vezes
- Nunca

2) Na disciplina de Sociologia, o vídeo é mais ou menos usado do que em outras disciplinas?

- Sim
- Não
- É usado de maneira igual à das outras disciplinas

3) O vídeo ajuda ou não em sua aprendizagem?

4) Você prefere vídeo ou outro recurso? O que acha do vídeo?

5) Que tipos de vídeos são mais usados nas aulas de Sociologia?

- Documentários
- Filmes de ficção
- Noticiários
- Programas de entretenimento
- Outro. Qual? _____

6) Cite um exemplo de bom uso do vídeo e outro de mal-uso dele nas aulas de Sociologia.



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia e Ciência Política

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA

Prezado (a) participante:

Sou Katlyn Lires Dransfeld Moreira, estudante da Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Estou realizando o meu Trabalho de Conclusão de Licenciatura, cujo tema é o uso didático do vídeo nas aulas de Sociologia, em que se pretende investigar como a professora utiliza o vídeo e como os alunos o recebem, bem como a sua influência dele no seu aprendizado. O orientador deste trabalho é o professor Dr. Jacques Mick.

Sua participação envolverá uma entrevista, cujo conteúdo será publicado neste presente trabalho, se você permitir. A entrevista durará aproximadamente mais ou menos 15 minutos.

A sua participação é voluntária, e se você não quiser participar ou quiser desistir, tem direito de fazer isto. O seu anonimato estará garantido.

Ainda que não tenha nenhum benefício direto em participar da pesquisa, você estará contribuindo indiretamente para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Qualquer dúvida sobre a pesquisa entre em contato com a pesquisadora, através do número 9114-7508.

Atenciosamente

Nome e assinatura do(a) estudante
Matrícula:

Local e data

Nome e assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)
Matrícula:

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Você usa vídeos em suas aulas de sociologia? Por quê?
- 2) Que tipo de vídeo você mais usa em suas aulas (ficção, documentário, jornalístico)?
- 3) Que critérios você utiliza na escolha dos vídeos? Eles são utilizados em todos os tópicos do programa ou só em alguns?
- 4) Como planeja o uso dos vídeos em seus planos de aula? Quais as finalidades do uso dos vídeos (o que se espera desse uso)?
- 5) Dê exemplos de uso do vídeo em sala de aula.
- 6) Que retorno que você percebe dos estudantes em relação aos vídeos? Eles demonstram domínio da linguagem audiovisual (são capazes de entender os vídeos)? São capazes de criticá-los ou são, no geral, acríticos?
- 7) Que espécie de vídeo mais contribui para as aulas de sociologia?

